

PINTURA CORPORAL POTIGUARA: DISCURSO DE IDENTIDADE, CULTURA E TERRITORIALIDADE

Kessy Islanale da Silva Faustino ¹
Emmanuel de Sousa Fernandes Falcão ²
Marilayne Rosendo Vicente ³
Geane de Souza Oliveira ⁴
Milena da Silva Souza ⁵

INTRODUÇÃO

A presente comunicação investiga o grafismo corporal Potiguara da Paraíba enquanto enunciado visual que articula identidades, práticas religiosas e reivindicações territoriais, partindo da questão central: O que o grafismo corporal Potiguara paraibano deseja discursar?

A problemática desdobra-se em indagações sobre se as ilustrações grafadas nas peles Potiguara possuem significados pessoais, compartilhados ou mistos e sobre o papel dos contextos situacionais na escolha dos grafismos apropriados a cada ocasião. Em diálogo com Bakhtin (2010), Cassirer (2001; 2003), Wittgenstein (1992), Hall (2015), Bourdieu (1989) e Falcão (2022), o estudo propõe ler o grafismo como signo social e cosmológico, capaz de articular saberes tradicionais, aprendizagens corporificadas e estratégias de visibilidade política. Metodologicamente, a pesquisa adotou abordagem etnográfica e netnográfica, com convivência comunitária entre agosto de 2018 e junho de 2019. Buscou-se apreender tanto as significações individuais quanto os sentidos coletivos atribuídos às pinturas corporais. A justificativa do trabalho funda-se na centralidade do grafismo para as práticas identitárias e religiosas Potiguara e na carência de estudos regionais que considerem essas práticas como enunciados visuais políticos e cosmológicos; compreender as modalidades de significado do grafismo contribui para ampliar as formas de escuta das vozes indígenas, valorizando manifestações não textuais que circulem no espaço público, digital e fornecendo subsídios para políticas culturais, educacionais e de reconhecimento étnico.

¹ Graduanda em Licenciatura Matemática - Universidade Federal da Paraíba, kessyislanale@gmail.com;

² Doutor em Ciências das Religiões - Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Falcao@dcx.ufpb.br;

³ Graduada em Antropologia - Universidade Federal da Paraíba, mrv2@academico.ufpb.br;

⁴ Graduada em Licenciatura Matemática - Universidade Federal da Paraíba, geanesouza681@gmail.com;

⁵ Graduada em Licenciatura Matemática - Universidade Federal da Paraíba, milena.silva@academico.br.



O objetivo geral é analisar a relação entre o grafismo indígena Potiguara (Paraíba) e as representatividades identitárias de quem o pratica. Os resultados apontam que o grafismo Potiguara funciona como linguagem viva e adaptável, um veículo de resistência, espiritualidade e afirmação identitária que inscreve memórias ancestrais no corpo enquanto espaço de aprendizagem e comunicação; reconhecido pela comunidade Potiguara e pela comunidade científica, o estudo pretende contribuir para ampliar os debates sobre representação indígena no Brasil e para fortalecer práticas de pesquisa recíproca e respeitosa com os povos originários.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou percurso metodológico do tipo pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa, de objetivos descritivos com procedimentos metodológicos do tipo etnografia/netnografia, conforme orientam Almeida (2003), Gil (2002; 2008) e André (2008). Para amplificar as vozes indígenas, em especial Potiguara, buscou-se homologação das lideranças locais e anuência formal dos colaboradores por meio de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. A fundamentação teórica que sustentou a análise mobilizou acervo bibliográfico composto por 11 obras por 9 autores entre 1989 e 2022, além de material de arquivo pessoal. A coleta de dados articulou convivência comunitária inicial entre agosto de 2018 e junho de 2019. Já a parte netnográfica estendeu a pesquisa até julho de 2022, com menor incidência de encontros presenciais e maior uso de encontros virtuais, entrevistas, diálogo em redes sociais, diários de campo, capturas de tela e materiais documentais fornecidos pela comunidade, tudo isso considerando os contextos da pandemia do Covid-19.

A flexibilização etnográfica e netnográfica, como instrumentos complementares, conseguiu captar a dinâmica do grafismo enquanto sistema de significados e prática identitária. Antes do fechamento da publicação final da pesquisa, consultou-se a comunidade Potiguara, que foi revisora do texto, para, por fim, submeter os achados do estudo aos órgãos competentes. Reconhece-se que a opção por métodos qualitativos impõe limites à generalização estatística e que amostras maiores ou abordagens quantitativas poderiam oferecer outras precisões, mas isto não invalida a contribuição analítica do estudo, que busca provocar novos desdobramentos de pesquisa e fornecer subsídios teóricos, metodológicos e políticos para a compreensão do grafismo Potiguara,



articulando práticas e discursos em uma perspectiva de pesquisa recíproca, respeitosa e comprometida com a amplificação das vozes dos povos originários.

REFERENCIAL TEÓRICO

A expressão “grafismo Potiguara” refere-se a um repertório de traços, formas e padrões gráficos desenhados no corpo indígena que funcionam como um sistema semiótico integrado às práticas sociais, religiosas e políticas do povo Potiguara. Esses sinais corporais, além de sua função estética, são enunciados visuais que condensam múltiplos significados como memórias ancestrais, relações com a natureza, tratamentos na saúde espiritual, demandas coletivas, entre outros que podem ser aferidos em Falcão (2022). Falcão (2022) compartilha a literatura Potiguara com a comunidade científica quando publiciza que o grafismo circula em múltiplas ações Potiguara a exemplo de seu uso em ritos do Toré, festividades, rituais religiosos e situações particulares. Na realidade Potiguara a tinta para o grafismo é extraída do jenipapo e do urucum, os padrões visuais são linhas que costumam ser inspiradas em padrões da natureza, como cobras, plantas, pássaros, entre outros. O significado atribuído a esses traçados carrega carga identitária, espiritual e política.

Em diálogo com Bakhtin (2010), pode-se dizer que o grafismo Potiguara funciona como enunciado com a presença de dois tipos de autores. São eles: o “autor-criador”, que é quem intui ou decide o sentido de um grafismo e o “autor-pessoa”, que é quem desenha efetivamente o grafismo com base na escola Potiguara sobre esses grafos. Assim, o sentido do traço emerge na enunciação situacional, entre criador, executor e público. A distinção bakhtiniana ajuda a entender porque o mesmo padrão, por exemplo, o “Grafismo da Cobra Coral”, pode ser invocado a partir de um sonho de liderança e, em seguida, materializado por outro grafista, sem que o enunciado perca sua força referencial, podendo haver múltiplos significados, que no exemplo em realce poderia ser ‘luta’, ‘resistência’, ‘estratégia’, ‘respeito a natureza’, ‘territorialidade’, entre outros.

Cassirer (2001; 2003) amplia a leitura ao permitir situar que o grafismo Potiguara, como forma simbólica, opera como linguagem cultural que organiza a experiência cosmológica Potiguara. Assim, padrões como o “grafismo da Folha da Jurema” vinculam-se a uma cosmologia que integra planta, bebida, ritual e mundo espiritual; símbolos que condensam relações sagradas com a natureza e marcam a pertença a essa ordem



simbólica. No caso do grafismo em questão, seus significados podem ser “espiritualidade”, “ancestralidade”, “proteção”, “sagrado”, entre outros.

Wittgenstein (1992) contribui ao lembrar que o significado está no uso: o que um grafismo “significa” decorre dos ‘jogos de linguagem’ locais em que ele participa. Perguntar se um grafismo é “individual” ou “compartilhado” exige observar como ele é mobilizado em situações concretas. A pesquisa aponta que há grafismos de circulação ampla. Por exemplo, algumas aldeias consideram o “grafismo da Colmeia Potiguara” como distinto do “grafismo do Jabuti”, outras não. Os grafismos cuja significação se constrói em contextos específicos ou por intervenção de lideranças, com variações interpretativas entre membros da mesma etnia, demonstra que além de ser uma linguagem em acomodação, ainda está se expandido e “os jogos de linguagens” darão poder de interpretação a seus portadores e público externo.

Hall (2015) permite conectar grafismo e identidade enquanto conceitua identidade como performance e representação. Assim, os grafismos Potiguara podem ser interpretados como práticas identitárias performativas que afirmam “ser Potiguara” em diferentes esferas, individual, coletivamente, no eixo do sagrado ao político. A “Resistência Potiguara” e os “Traços Faciais” são dois grafismos Potiguara, por exemplo, que enunciam a persistência histórica da etnia e serve de marca de reconhecimento coletivo do povo em eventos de luta, memória e reivindicações. Falcão (2022) registra depoimentos que interpretam esses grafismos como relato de lutas e afirmação territorial, funcionando, conforme enuncia Hall (2015), como elemento de construção e negociação identitária diante de hegemonias externas.

Bourdieu (1989) possibilita ver o grafismo como ‘capital simbólico’ e parte do ‘habitus’ no que se refere os saberes sobre quais traços usar, quando e como usá-los. Por exemplo, os grafismos aprendidos em processos educativos-religiosos regulam padrões, hierarquias entre os autorizados a discursarem sobre os grafos, subsequentemente, a posição e o prestígio dentro do campo social Potiguara quanto à julgarem o uso dos grafismos. Dessa forma, hierarquicamente, também há um ‘capital simbólico’ associado a como esses grafos dialogam na interlocução com o público não indígena Potiguara.

Portanto, ler o grafismo Potiguara como enunciado simbólico e praticado de forma coletiva, individual ou situacionalmente, permite captar sua dimensão multifacetada da linguagem cosmológica dessa etnia. O grafismo Potiguara é plural, pois requer compreender o contexto ritual, a memória coletiva e às negociações de poder dentro e fora da comunidade. Assim, o mesmo grafo possui um núcleo duro orbitado por



elementos periféricos que ditarão o que os Potiguara querem enunciar ao transformarem seus corpos em discursos. Para a comunidade científica, de modo geral, os grafismos Potiguara desejam enunciar que é um povo que quer ter voz e representatividade nos espaços de produção acadêmica, podendo narrar por conta própria, sua história e seus conhecimentos, sem precisar de porta-vozes, que muitas vezes, não são da etnia que as estuda e as publiciza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Potiguara afirmam que seus grafismos constituem traço central de sua identidade, manifestando-se na capacidade de respeitar a natureza, persistir, ressignificar experiências e incorporar saberes provenientes de anciões, sonhos, lideranças religiosas e caciques, mesmo quando tais saberes são rotulados por agentes externos como informais. Foi conclusivo que o grafismo Potiguara é parte da resistência e (re)existência da cosmovisão, cultura, narrativas e formação social desse povo que habita o Litoral Norte da Paraíba. Logo, o grafismo corporal opera como veículo de memória, pertença e reivindicação identitária. No que se refere às reivindicações expressas pelo grafismo, Falcão (2022) aponta que as pinturas corporais enunciam demandas sociais e territoriais, funcionando como instrumentos de visibilidade política e manutenção cultural. Entre as contribuições do estudo citado, argumenta-se que ele atualiza o inventário visual iniciado por pesquisas anteriores dos grafos Potiguara, a incorporação de novos significados e grafismos documentados em campo digitalizados e disponibilizados em *hiperlinks*, *QR codes* e materiais multimodais para análises do público não indígena Potiguara. A disponibilização arquivo original de Falcão (2022) pretende oferecer transparência e permitir que leitores verifiquem os dados brutos e avaliem a coerência das análises.

Quanto às implicações teóricas, o estudo formula uma hipótese sociolinguística do grafismo Potiguara: quanto maior o desenvolvimento dos códigos não verbais na comunidade, maior a associação desses signos às narrativas e ao prestígio dos seus criadores, o que pode restringir temporariamente a variabilidade decodificativa; por outro lado, o aumento dos circuitos sociais de aprendizagem e a inclusão de referências externas tendem a ampliar a plasticidade e as adaptações gráficas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resumo tem por finalidade comunicar, como ponto de partida e registro, que a Universidade Federal da Paraíba está tentando amplificar as vozes Potiguara através de seus esforços acadêmicos e comunitários para mapear e atualizar a linguagem gráfica dessa etnia que deseja comunicar que enquanto houver Potiguara haverá resistência e persistência das práticas culturais, das espiritualidades e das lutas por territórios e direitos.

A história do Grafismo Potiguara não se encerra nesse resumo, mas esse resumo fará parte da história do Grafismo Potiguara, pois o trabalho pretende enunciar que há um arquivo vivo, em Falcão (2022), que dá oportunidade aos Potiguara falarem por eles próprios e pontua possibilidades da continuidade da pesquisa sinalizando a necessidade de se replicar os métodos para continuar havendo mapeamento da cultura e sabedoria desse povo.

Palavras-chave: Grafismo Potiguara, Identidade Indígena, Etnografia, Resistência, Linguagem Visual.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mauricio B. **Noções básicas sobre metodologia de pesquisa científica:** Métodos Científicos. Universidade Federal de Minas Gerais. 2003.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Etnografia da Prática.** Campinas: Papirus, 2008.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável.** Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BOURDIEU P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Difel; 1989.

CASSIRER, Ernest. **Mito e Linguagem.** 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CASSIRER, Ernest. **A filosofia das formas simbólicas.** v. 1. São Paulo, Martins Fontes. 2001.

FALCÃO, Emmanuel de Sousa Fernandes. **Grafismo e discurso identitário indígena Potiguara da Paraíba no século XXI.** 437f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

WITTGENSTEIN, L. **O livro castanho.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

